



“VENHA TEU REINO!”

Elementos essenciais de uma Teologia Luterana da Missão a partir da interpretação da segunda petição do Pai Nosso por Martin Lutero¹

“*THY KINGDOM COME!*”

Essential elements of a Lutheran Theology of Mission on the basis of Martin Luther's interpretation of the second petition of the Lord's Prayer.

Claus Schwambach²

RESUMO

Tomando o Catecismo Maior de Lutero como fonte primária e ponto de referência, o artigo visa encontrar elementos do que poderíamos denominar de teologia luterana da missão, nos textos do próprio Reformador. Levando em conta a já conhecida constatação de pesquisadores de Lutero, de que a interpretação da segunda petição do Pai Nosso por Lutero, em especial no Catecismo Maior, pode servir de importante referência para compreender o que Lutero entende pelo que hoje denominamos de *missão*, o estudo visa interpretar os detalhes da segunda petição do Pai Nosso. Na conclusão, o artigo sistematiza as ênfases encontradas em Lutero, visando oferecer conexões para as discussões missiológicas contemporâneas.

Palavras-chave: Missão em Martin Lutero. Missiologia luterana. *Missio Dei*. Teologia da Missão. Pai Nosso.

ABSTRACT

Taking Luther's Larger Catechisms as the primary source and point of reference, the article aims to find elements of what we might call “Lutheran theology of mission” in the Reformer's own texts. In light of Luther's well-known finding by researchers, that interpretation of Luther's second petition of the Lord's Prayer, especially in the Large Catechism, may serve

¹ Artigo recebido em 10 de julho de 2019, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 14 de novembro de 2024, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Claus Schwambach é Doutor em Teologia pela Universidade Friedrich-Alexanders de Erlangen-Nürnberg, Alemanha. É Professor de Teologia Sistemática na FLT – Faculdade Luterana de Teologia. Como pesquisador de Lutero, é membro da CEOL – Comissão Editorial das Obras de Lutero, responsável pela publicação das *Obras Seleccionadas de Lutero* (Editora Sinodal; Editora Concórdia). E-mail: claus.schwambach@flt.edu.br.

as an important reference for understanding what Luther understands by what we today call mission, the study aims to interpret the details of the Lord's second petition. In conclusion, the article systematizes the emphases found in Luther, aiming to offer connections to contemporary missiological discussions.

Keywords: *Mission in Martin Luther. Lutheran Missiology. Missio Dei. Mission Theology. Our Father.*

1 OBSERVAÇÕES INTRODUTÓRIAS

O presente estudo apresenta uma explanação sobre a interpretação da 2ª petição do Pai Nosso por Martim Lutero em seu Catecismo Maior, que é apontado pela pesquisa de Lutero como um dos textos em que o Reformador formula os elementos centrais do que denominamos hoje de “teologia da missão” de Lutero, bem como no que consiste o conceito tipicamente luterano de *missio Dei*. A abordagem dessa petição pressupõe um estudo detalhado dos pressupostos do pensamento teológico de Lutero contidos no todo do Catecismo Maior e na assim-chamada “sistemática do Catecismo” – já socializado numa publicação anterior³ –, e que perfazem o quadro teológico de referências, dentro do qual as ênfases de Lutero em sua interpretação da 2ª petição do Pai Nosso precisam ser interpretadas. A **tese** que defendemos é que, teológica- ou missiologicamente falando, a interpretação de Lutero da segunda petição do Pai Nosso resume de forma compacta e precisa a sua visão teológica da missão (missiologia), e aponta para todos os elementos teológicos que lhe são constitutivos, e dos quais esta não deveria ser separada, sob risco de que seja reduzida, deturpada ou deformada teologicamente em sua recepção atual. Além de interpretar os textos-fonte de Lutero, a abordagem irá sistematizar os resultados ao final, e apontar elementos importantes para a recepção de Lutero no contexto das discussões missiológicas da atualidade.

2 TEXTO E ESTRUTURA DA SEGUNDA PETIÇÃO DO PAI NOSSO

A interpretação da 2ª petição do Pai Nosso por Lutero no Catecismo Maior, que aqui será objeto de análise, é a que segue, citada aqui na íntegra:

³ Cf. SCHWAMBACH, Claus. *Missio Dei* – Pressupostos teológicos da compreensão luterana de missão a partir da análise da “sistemática do Catecismo” de Martim Lutero. In: **Vox Scripturae – Revista Teológica Internacional**. São Bento do Sul, vol. XXVII, n. 2, mai.-ago. 2019, p. 377-440. Esse artigo contém em seu início uma síntese das observações feitas pela história da pesquisa recente de Lutero sobre o tema. Contém uma análise detalhada da “sistemática do Catecismo” de Lutero em sua interpretação do Decálogo, do Credo e do Pai Nosso no Catecismo Maior, e que perfaz o pano de fundo, a partir do qual o conteúdo do presente artigo quer ser entendido.

Como na primeira parte pedimos o que diz respeito à honra e ao nome de Deus: - que Deus impeça disfarce o mundo suas mentiras e maldade sob seu nome, conservando-o, ao contrário, sublime e santo, com doutrina e vida, para que seja louvado e exaltado em nós –, assim aqui pedimos que também venha o seu reino. Mas assim como o nome de Deus é santo em si mesmo e não obstante pedimos que seja santo entre nós, da mesma forma também o seu reino vem por si mesmo, sem as nossas petições, e contudo pedimos que venha a nós, isto é, que atue entre nós e junto a nós, de sorte que também sejamos parte daqueles entre os quais o seu nome é santificado e seu reino está em vigor.

Mas o que significa reino de Deus? Resposta: outra coisa não é senão o que ouvimos acima, no Credo: que Deus enviou ao mundo a Cristo, seu Filho, nosso SENHOR, para que nos redimisse e libertasse do poder do diabo e nos levasse a ele e nos governasse como rei da justiça, da vida e da bem-aventurança, contra o pecado, a morte e má consciência. Para tanto nos deu também o seu Espírito Santo, que nos convencesse disso mediante a sua santa palavra, e por seu poder nos iluminasse e fortalecesse a fé. Pedimos, por conseguinte, aqui, em primeiro lugar, que isso tome efeito entre nós, e que destarte, seu nome seja exaltado pela santa palavra de Deus e por uma vida cristã, tanto para que nós, que a aceitamos, permaneçamos e diariamente progredamos, com também a fim de que alcance assentimento e adesões entre outros homens e marche poderosamente pelo mundo universo, a fim de muitos deles, trazidos pelo Espírito Santo, virem ao reino da graça e se tornarem partícipes da redenção, para que dessa maneira juntos fiquemos eternamente em um só reino, agora principiado.

Porque a “vinda do reino de Deus a nós” ocorre de duas maneiras: primeiramente aqui, no tempo, mediante a palavra e a fé; em seguida, na eternidade, pela revelação. Agora pedimos ambas as coisas: que venha àqueles que ainda não estão nele, bem como a nós outros – que já o recebemos –, por diário incremento, e futuramente, a vida eterna. Tudo isso outra coisa não é do que dizer: “Amado Pai, pedimos que nos dê primeiro a tua palavra, para que o evangelho seja pregado retamente em todo o mundo; em segundo lugar, que também seja aceito pela fé, e atue e viva em nós, de forma que pela palavra e poder do Espírito o teu reino tenha curso entre nós e seja destruído o reino do diabo, para que não tenha direito nem poder sobre nós, até que, afinal, seja totalmente aniquilado, e o pecado, a morte e o inferno sejam exterminados, a fim de vivermos eternamente em plena justiça e bem aventurança”.

Disso vêς que não pedimos aqui uma esmola ou algum bem temporal, passageiro, mas um tesouro eterno, excelso, e tudo aquilo de que o próprio Deus dispõe. O que é demasiadamente grande para que um coração humano pudesse atrever-se a tomar o propósito de o desejar, não houvesse ele mesmo ordenado que lho peçamos. Mas, por ser ele Deus, também quer a honra de dar muito mais e com maior riqueza do que quem quer que seja possa compreender, como eterna e inexaurível fonte, que, quanto mais escorre e desborda, tanto mais dá de si. E nada há que ele deseje mais de nós do que isso: que lhe peçamos muitas e grandes coisas. Encoleriza-se, por outro lado, quando deixamos de confiadamente pedir e exigir. Pois é como se o mais rico e mais poderoso imperador desse a um pobre mendigo a ordem de pedir o que bem desejasse, e estivesse pronto a dar-lhe um

presente grande, imperial, e o néscio mais não mendigasse que uma sopa econômica. Merecidamente seria considerado réprobo, malvado, como indivíduo que estaria fazendo caçoadas e mofando da ordem da majestade imperial, e que não seria digno de lhe vir à presença. Da mesma forma importa em grande afronta e desonra a Deus quando nós, a quem ele oferece e promete tantos bens inefáveis, os desprezamos ou não confiamos recebê-los, e mal ousamos pedir um pedaço de pão. Tudo isso é culpa da vergonhosa incredulidade, que de Deus não espera nem mesmo tanto bem como que lhe supra a barriga; muito menos ainda esperaria Deus, sem duvidar, tais bens eternos. Razão por que cumpre nos fortaleçamos contra a incredulidade e deixemos que isso seja a nossa primeira petição. Então, com certeza, a gente também receberá em abundância todas as outras coisas, conforme ensina Cristo: “Buscai em primeiro lugar o reino de Deus, e todas essas coisas vos serão acrescentadas”. Pois como permitiria nos minguassem bens temporais e sofrêssemos penúria, quando promete o que é eterno e imperecível?⁴

Se perguntamos pela contribuição desse texto para a compreensão do que vem a ser missão e *missio Dei* em Lutero, constatamos facilmente que o *lugar teológico da missão*, da *missio Dei* em *sentido restrito*, para ele, reside na *irrupção escatológica e apocalíptica do Reino de Deus no mundo*: “O clamor pela irrupção do reinado de Deus perfaz o centro do Pai Nosso; nele duas coisas se fundem, tanto a soma das promessas veterotestamentárias quanto a totalidade do conteúdo da mensagem de Jesus.”⁵. (tradução nossa) Quem pede pela vinda do Reino de Deus está rogando que a **salvação e consumação derradeira e definitiva desse mundo** aconteça, através da irrupção da nova criação escatológica de Deus, na qual a glória, o poder e o domínio definitivo e eterno do Deus triúno sobre toda criação se revelarão⁶. A comunidade cristã que clama “Pai Nosso”, e que vive entre o pentecostes e a parusia, roga ao Pai nessa petição que o “ainda não” do futuro apocalíptico e escatológico contido nas promessas de Deus e de Jesus irrompa “já agora”. Nesse sentido, poder-se-ia afirmar que a irrupção do Reino de Deus é o evento central da *missio Dei* em compreensão luterana, mas que esse evento central precisa ser sempre entendido sob o pano de fundo das múltiplas distinções e

⁴ LUTERO, Martinho. Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero. In: **Livro de Concórdia**: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. Trad. e notas de Arnaldo Schüler. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993, p. 463-465 [doravante simplesmente: Catecismo Maior].

⁵ PETERS, Albrecht. Das Vaterunser. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992, p. 71. (SEEBASS, Gottfried (Hrsg). Kommentar zu Luthers Katechismen, 3)

⁶ “Hier wird nichts geringeres erfleht als das letztgültige wie weltumspannende Hervorbrechen Gottes, das vollmächtige und unwiderrufliche Offenbarwerden seiner Herrlichkeit wie Herrschaft. Insofern darf eine sachgerechte Deutung diesen Skopus nicht spiritualisieren oder verinnerlichen, sie muss streng blicken auf das Eschaton aller Eschata.” (PETERS, 1992, p. 71).

conexões teológicas – da sistemática do Catecismo – que Lutero articula aqui no Catecismo Maior⁷.

A interpretação da 2ª petição por Lutero está estruturada em 3 partes: a) Sentido e escopo da 2ª petição – O que quer dizer Reino de Deus?; b) Explicação de *como* se cumpre essa petição, ou de *como* o Reino de Deus vem a nós; c) A grandeza e a relevância do que se está pedindo nessa 2ª petição, interpretada por Lutero a partir de Mt 6.33 (Lc 12.31)⁸. Todas as três partes serão exploradas aqui, em vista de sua relevância missiológica.

3 A DEFINIÇÃO SOTERIOLÓGICA DO REINO DE DEUS E A DISTINÇÃO DOS DOIS REINOS EM SUAS IMPLICAÇÕES MISSIOLÓGICAS

A primeira dimensão que chama atenção é a compreensão que Lutero tem do Reino de Deus. Em resposta à pergunta “o que significa Reino de Deus?”, Lutero responde apontando para o 2º e o 3º artigos do Credo, que auxiliam a entender o conteúdo do Reino de Deus em seu sentido restrito, ou o que exatamente irrompe no mundo, quando o Reino de Deus vem:

[R]eino de Deus ... outra coisa não é senão o que ouvimos acima, no Credo: que Deus enviou ao mundo a Cristo, seu Filho, nosso SENHOR, para que nos redimisse e libertasse do poder do diabo e nos levasse a ele e nos governasse como rei da justiça, da vida e da bem-aventurança, contra o pecado, a morte e a má consciência. Para tanto nos deu também o seu Espírito Santo, que nos convencesse disso mediante a sua santa palavra, e por seu poder nos iluminasse e nos fortalecesse na fé.⁹

O conteúdo do Reino de Deus é, para Lutero, *idêntico* com a obra redentora de Cristo e com a obra santificadora e geradora de fé do Espírito Santo, sim, *rigorosamente idêntico* com o conteúdo do 2º e do 3º artigos do Credo, retomados aqui na 2ª petição do Pai Nosso¹⁰! Evidencia-se que, dentro da *sistemática do Catecismo*¹¹, típica da maneira de Lutero estruturar seu pensamento,

⁷ Sobre o conceito de *missio Dei* em sua aplicação a Lutero, é fundamental recorrer ao já exposto em SCHWAMBACH, 2019.

⁸ Divisão sugerida por PETERS, 1992, p. 75.

⁹ Catecismo Maior, p. 463.

¹⁰ Para a interpretação do 2º e do 3º artigos do Credo por Lutero, veja detalhes em SCHWAMBACH, 2019, p. 411-416 (seções 2.5.2 e 2.5.3).

¹¹ Quem tem insistido recentemente na necessidade de interpretar temas dos catecismos de acordo com o que a pesquisa de Lutero tem denominado de “sistemática do Catecismo” do Reformador é BAYER, Oswald. **A teologia de Martin Lutero**. Uma atualização. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 13; e especialmente BAYER, Oswald. **Theologie**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1994, p. 106-114

o 1º artigo do Credo, que trata do agir criador de Deus e da presença criadora e mantenedora de Deus em sua criação e junto à humanidade, *não* faz parte do Reino de Deus em sentido restrito. E isso tem a ver com o fato de que, para Lutero, a realidade do Reino de Deus é entendida aqui de modo estritamente *soteriológico* - o Reino de Deus é a nova criação, o domínio definitivo de Deus, que com sua irrupção torna a presente criação em *velha criação*, e a redime para dentro do *eschaton* divino. O pai celestial alcança suas criaturas aqui na terra através da obra do filho Jesus Cristo¹² e do Espírito Santo.

Nesse contexto, é importante recordar que os escritos de Lutero sobre as relações entre igreja e estado contêm a distinção entre Reino de Deus à *esquerda* e à *direita*, o agir de Deus no âmbito secular, visando a preservação da criação caída sob o pecado e regida pela lei em seu uso civil, e no âmbito da igreja cristã, que tem por finalidade conduzir pessoas à redenção em Cristo, regida pela pregação da palavra de Deus como lei (em seu uso teológico, que aponta para o pecado) e evangelho. Trata-se da conhecida *teologia da distinção dos dois reinos*¹³ – muito conhecida como *doutrina dos dois reinos* – Em seu escrito *Da autoridade secular, o quanto se lhe deve obediência* (1523), Lutero articulou essa distinção: “Aqui temos que dividir os filhos de Adão e todas as pessoas em dois grupos: uns

(Handbuch Systematischer Theologie – HST, 1) (tópico: “Katechismussystematik”). Na presente abordagem, seguimos Bayer e pressupomos a noção da “sistemática do Catecismo” de Lutero como expressão sólida de seu pensamento teológico, que se concentra nos Catecismos Maior e Menor. Há que se considerar que, para Lutero, o catecismo consiste em “*exatissimam methodum totius religionis*” [do método exatíssimo de toda a religião] (WA TR 3,585,7; nr. 3883, de 26 de maio de 1538, *apud* BAYER, 1994, p. 109); por isso, o Reformador formulou seu catecismo de modo a nele resumir e apresentar o núcleo central da fé cristã: “*Mein Rath ist, dass man nicht disputire von heimlichen, verborgenen Dingen, sondern einfältig bleibe in Gottes Wort, fürnehmlich im Katechismo, denn im selben habt Ihr einen sehr feinen, richtigen, kurzen Weg der ganzen christlichen Religion und die fürnehmsten Hauptartikel kurz verfasst*” (WA TR 3,685,15-18, nr. 3883, de 26 de maio de 1538, *apud* BAYER, 1994, p. 109, detalhes p. 110ss). Quanto à “sistemática do Catecismo” propriamente dita, Bayer a resume assim: “*Nur dem ersten Anschein nach liegt ... eine Dreigliederung vor. In Wirklichkeit handelt es sich um eine Zweigliederung – um die Unterscheidung von Gesetz und Evangelium; Credo und Vaterunser sind zusammenzunehmen. Dann ist in der Unterscheidung von Gesetz und Evangelium die Summe der ganzen Schrift und des ganzen christlichen Lebens formuliert. ... Das Credo und das exemplarische Gebet, das Vaterunser, gehören zusammen und machen das Evangelium im Unterschied zum Gesetz aus.*” (1994, p. 111). Além disso, faz parte da sistemática do Catecismo todo o conjunto de conexões e inter-relações que Lutero faz constantemente entre as partes do catecismo, de modo a revelarem a lógica ou o sentido teológico que Lutero quis dar as coisas. Compreender a sistemática do Catecismo é fundamental para a correta interpretação de qualquer parte ou do todo do Catecismo Maior e do Menor.

¹² Aqui é preciso recordar a interpretação de Lutero do 2º e do 3º artigos do Credo: cf. **Catecismo Maior**, p. 450-457; cf. comentário em SCHWAMBACH, 2019, p. 411-416 (tópicos 2.5.2 e 2.5.3).

¹³ Para uma abordagem ampla da teologia da distinção dos dois reinos em Lutero, cf. SCHWAMBACH, Claus. A distinção dos “dois reinos” em Lutero – O pano de fundo medieval, as ênfases e as transformações teológicas ocorridas no uso do conceito pelo Reformador. In: SCHWAMBACH, Claus; SPEHR, Christopher. Dimensões da relação entre fé cristã e política na história e na teologia da Reforma luterana. São Bento do Sul: Faculdade Luterana de Teologia, 2018, p. 35-120, esp. p. 68ss [doravante: SCHWAMBACH, 2018a].

pertencem ao reino de Deus, os outros, ao reino do mundo”¹⁴ (Lutero cita Sl 2.6; Jo 18.36s; Mt 4.17; Mt 6.33). Para Lutero, os “que pertencem ao reino de Deus são todos os que, como verdadeiramente crentes, estão em Cristo e sob Cristo. Pois Cristo é o Rei e Senhor do reino de Deus”¹⁵.

Ora, essas pessoas não precisam de espada ou direito secular. E se todas as pessoas fossem cristãos autênticos, isto é, verdadeiros crentes, não seriam necessários nem de proveito príncipe, rei ou senhor, nem espada nem lei. Pois para que serviriam? Eles têm no coração o Espírito Santo que os ensina e efetua que não façam o mal a ninguém, que amem a todos e que sofram, de bom grado e alegremente, injustiças, sim, inclusive a morte da parte de qualquer pessoa.¹⁶

Assim, Lutero chega à principal formulação de sua distinção:

Por isso Deus instituiu os dois domínios: o espiritual que cria cristãos e pessoas justas através do Espírito Santo, e o temporal que combate os acristãos e maus, para que mantenham paz externa e tenham que ser cordatos contra sua vontade. É nesse sentido que S. Paulo interpreta a espada secular em Rm 13.3, ao afirmar que ela não se destina para temer pelas boas obras, mas pelas más. E Pedro diz que foi dada para castigar os maus [1 Pe 2.14].¹⁷

O Reino de Deus do qual trata a 2ª petição do Pai Nosso é, então, o que Lutero define naqueles escritos como *reino à direita*, ou seja, o reino de Deus propriamente dito, em sentido *restrito e soteriológico*. Pois ele sintetiza o conteúdo do Reino de Deus com a vida e obra de Jesus Cristo e com a descida do Espírito Santo, mostrando que nesses eventos o próprio *eschaton* está irrompendo salvadoramente no mundo. Formulado de outra maneira: em Lutero, cristologia e soteriologia, juntamente com a pneumatologia, outra coisa não são do que escatologia em processo de execução, sendo que Lutero coloca toda a ênfase na *escatologia presente* – no aqui e no agora do evento da irrupção do futuro de Deus no coração das pessoas, conduzindo-as à fé em Cristo através do agir do Espírito a partir da palavra pregada¹⁸. Cristologia e pneumatologia são escatologia “historizada” – em realização no presente da história, alcançando pessoas com a

¹⁴ LUTERO, Martinho. Da Autoridade Secular, até que ponto se lhe deve obediência. In: LUTERO, Martinho. **Ética: Fundamentação da Ética Política – Governo – Guerra dos Camponeses – Guerra contra os Turcos – Paz Social**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1996, 79-114, aqui: p. 84 (Obras Seleccionadas, 6).

¹⁵ LUTERO, 1996, p. 84.

¹⁶ LUTERO, 1996, p. 85.

¹⁷ LUTERO, 1996, p. 86.

¹⁸ Cf. PETERS, 1992, p. 79-82.

redenção no tempo e no espaço para o Reino de Deus. O reino de Deus à esquerda, que abrange todo o agir de Deus no âmbito da criação – incluindo a sociedade e o Estado, em geral –, permanece sob a intervenção graciosa e bondosa de Deus, voltada à manutenção da vida, mas não é, em sentido restrito, salvífico. Lá o agir de Deus não é salvífico ou redentivo, mas apenas mantenedor de sua criação até o juízo derradeiro e a irrupção da nova criação, dos novos céus e da nova terra. É típico da teologia de Lutero e algo necessário para entender seu conceito de Reino de Deus *distinguir* – sem separar em compartimentos estanques¹⁹ – entre o agir criador/mantenedor e agir redentor de Deus, seja para com a humanidade, ou para com toda sua criação. Quem faz parte do *Reino de Deus à direita* usufruiu da obra redentora de Cristo e experimentou a obra santificadora do Espírito Santo, que lhe concedeu fé a partir da palavra de Deus, inseriu-o na igreja cristã e na comunhão dos santos, concedeu-lhe perdão dos pecados e lhe prometeu a ressurreição dos mortos e a vida eterna. Já quem somente faz parte do *reino de Deus à esquerda*, embora tenha sua vida mantida e coberta de dádivas por Deus, permanece sob a ira de Deus e sob o poder da lei, do diabo, da carne, da morte e do inferno, e ainda *não* tornou-se propriedade de Deus em Cristo e no Espírito. O Reino de Deus em sentido restrito (à direita) não consiste, resumindo, em bens temporais, mas sim, em bens eternos, na salvação: “Disso vêes que não pedimos aqui uma esmola ou algum bem temporal, passageiro, mas um tesouro eterno, excelso, e tudo aquilo de que o próprio Deus dispõe”²⁰. Lutero conecta aqui na 2ª petição do Pai Nosso com afirmações já feitas na sua interpretação do 1º artigo do Credo²¹. No *ínterim*, antes da volta de Cristo, os cristãos vivem no mundo, a rigor, para Lutero, sob o Reino de Deus em um sentido amplo, ou seja, vivem até sua morte *simultaneamente* sob o Reino de Deus à esquerda e sob o Reino de Deus à direita. Eles são cidadãos de dois reinos, vivem dentro do estado secular, sob a lei em seu uso civil (*primus usus legis*), e, ao mesmo tempo, fazem parte da igreja, povo de Deus em sentido restrito, e vivem sob a palavra de Deus como lei em seu uso teológico de evidenciar o pecado (*secundum usus legis*) e sob o evangelho²². Na 2ª petição do Pai Nosso rogam, porém, que o reino (à direita) irrompa redentoramente para dentro de nosso mundo, que o futuro de Deus se torne realidade já no presente através de tudo o que Cristo fez e que o Espírito Santo aplica aos corações das pessoas.

Percebemos, assim, que a teologia do Reino de Deus de Lutero, em cujo contexto ele desenvolve sua compreensão da *missio Dei* no mundo, precisa

¹⁹ Cf. SCHWAMBACH, 2018a, p. 81ss.

²⁰ **Catecismo Maior**, p. 464.

²¹ Cf. SCHWAMBACH, 2019, p. 409-411 (seção 2.5.1.4).

²² Cf. SCHWAMBACH, 2018a, p. 84ss, onde essa ênfase da teologia de Lutero é abordada.

necessariamente ser entendida dentro de um horizonte trinitário amplo, mas tem seu conteúdo específico definido por uma perspectiva estritamente cristológica e pneumatológica. A missiologia luterana do Reino de Deus com sua típica distinção entre reino de Deus à esquerda e à direita, e por conseguinte a teologia luterana da *missio Dei*²³, retoma e pressupõe, assim, no contexto dos Catecismos e da *sistemática do Catecismo*, toda a teologia dos Dez Mandamentos e a teologia dos 3 artigos do Credo como seu contexto maior e pano de fundo. Mas ao definir o Reino, ao tratar de seu *proprium*, o identifica *diretamente* apenas com o 2º e o 3º artigos do Credo. Os Dez Mandamentos e o 1º artigo do Credo – que perfazem o reino de Deus à esquerda – perfazem, dessa forma, apenas o horizonte maior, o transfundo teológico, cosmológico e antropológico a partir do qual o conteúdo específico do Reino de Deus, e com isso, também da missão ou da *missio Dei*, precisa ser entendido. Para Lutero, o Reino de Deus está fundamentado no agir de todas as três pessoas divinas: Deus, o Pai, cria e mantém a existência do ser humano bondosamente em vista da irrupção do seu Reino; o Filho, Jesus Cristo, é aquele que conquista o Reino de Deus em sentido restrito e todas suas dádivas de forma redentora para a humanidade perdida sob o poder do pecado, da carne, do diabo, e condenada à morte e ao inferno; e o Espírito Santo efetivamente traz, através de seus meios da graça (palavra e sacramentos da igreja cristã, comunhão dos santos, remissão de pecados, ressurreição dos mortos e vida eterna), o ser humano à fé em Cristo e à confissão de Deus Pai como seu criador e Deus pessoal, mantém-no nessa fé até o final e, por fim, consuma a sua existência na eternidade, em eterna comunhão com o Deus triúno²⁴. Na medida em que pessoas creem em Cristo a partir do agir do Espírito Santo, no entanto, elas são, em Cristo e no Espírito, colocadas em condições de, *dentro dessa fé*, viverem de acordo com o Decálogo e num relacionamento pessoal com seu criador e mantenedor – ou seja, nos membros do reino de Deus os propósitos originais de Deus se cumprem. Eles passam a viver, como imagem de Deus, novamente dentro da destinação original de liberdade e responsabilidade na construção da vida, da família e da cultura e sociedade humana que Deus, seu criador, planejou para suas criaturas.

A compreensão que Lutero tem do reino de Deus aqui na 2ª petição do Pai Nosso precisa ser entendida em alguns de seus detalhes mais refinados.

²³ Sobre o conceito de *missio Dei* como perspectiva que sintetiza a teologia da missão de Lutero, cf. SCHWAMBACH, 2019.

²⁴ Cf. BUCHHOLZ, Meiken. **Die Missionstheologische Bedeutung der zweiten Vaterunser-Bitte:** dargestellt im Vergleich ihrer Behandlung auf der Weltmissionskonferenz in Melbourne 1980 mit ihrer Auslegung durch Martin Luther und Karl Barth. Tübingen. [s.l.: s.a.], p. 29s. (material não publicado)

3.1 O GOVERNO DE DEUS EM CRISTO – LIBERTAÇÃO E BATALHA APOCALÍPTICA E ESCATOLÓGICA

Um dos principais aspectos do Reino de Deus consiste, para Lutero, no Catecismo Maior, em que “Deus enviou ao mundo a Cristo, seu Filho, nosso SENHOR, para que nos redimisse e libertasse do poder do diabo e nos levasse a ele e nos governasse como rei da justiça, da vida e da bem-aventurança, contra o pecado, a morte e má consciência”²⁵. O reinar de Deus através de Cristo ocorre para Lutero, coerente com o testemunho bíblico, de forma dinâmica, trinitária, como batalha apocalíptica e escatológica de Deus com os poderes do caos e das trevas que pervertem e mantêm cativa sua criação. Ao definir e detalhar o que é o reino, Lutero não fica preso à linguagem estática (reino), mas o formula de forma dinâmica (“nos governasse como rei da justiça”). O rei do Reino é Cristo e seu jeito de governar não consiste tanto em dar ordens ou em fazer exigências aos seus súditos, mas sim, em intervir libertadoramente em favor deles, ao redimi-los, libertá-los do poder do diabo, e governá-los de modo a protegê-los e fortalecê-los ante todas as forças do mal e das trevas que os ameaçam. O rei é *ativo*, já os súditos são *receptores* de seu agir e de suas intervenções bondosas e libertadoras. Suas dádivas e suas intervenções consistem em “redimir”, “libertar do poder do diabo”, nos “levar a ele”, nos “governar como rei da justiça, da vida e da bem-aventurança”, e isso, “contra o pecado, a morte e a má consciência”²⁶. Justiça, vida e bem-aventurança resumem o que ele faz. Todos esses são termos técnicos centrais da teologia de Lutero, diretamente hauridos das Escrituras Sagradas, que poderiam ser explorados adiante aqui, justamente em sua relevância missiológica²⁷.

Lutero resgata muito bem das tradições bíblicas do reino de Deus o aspecto da *batalha escatológica* entre o Deus triúno e as forças das trevas (morte, carne, diabo e inferno): “Deus enviou ao mundo a Cristo ... para que nos redimisse e libertasse do poder do diabo”. A expressão bíblica e teológica “redimir” pressupõe sempre a dimensão da batalha escatológica entre Deus e o diabo, que foi vencida e consumada por Jesus Cristo.

²⁵ **Catecismo Maior**, p. 463.

²⁶ Todas as citações: **Catecismo Maior**, p. 463.

²⁷ Detalhes da interpretação, cf. PETERS, 1992, p. 75-77.

3.2 O LUGAR DO SER HUMANO NA IRRUPÇÃO DO REINO DE DEUS – *PASSIO ET ACTIO*

Quem constrói e edifica o reino é o rei do Reino – ele o conquista para seus súditos e lhes dá o reino e a pertença ao reino como dádiva²⁸. Lutero elimina todo e qualquer pensamento meritório aqui, que predominava no pensamento de diversos teólogos em sua época²⁹. Não é o ser humano que conquista o reino para si. O ser humano é, para Lutero, no contexto de sua visão da vinda do Reino de Deus, primeiramente, alguém *passivo*, que recebe o reino de presente – é receptor de uma dádiva imerecida, pela qual, por conta de sua escravidão sob o poder do pecado e do diabo, não poderia nem teria condições de lutar³⁰. Cristo, porém, o libertou de forças e poderes que lhe mantinham cativo. Tal batalha escatológica não ocorre apenas para libertar a criação e a humanidade cativa, mas também para manter os cristãos na fé em Cristo depois que entraram no reino de Deus, como Lutero desenvolve em sua interpretação da 3ª petição do Pai Nosso³¹. Ela contém o pedido de que a vontade de Deus prevaleça perante: a) o “diabo ... [que] esbraveja e raiva como inimigo encolerizado com todo o seu poder e força”; b) “a nossa carne em si mesma[, que] é ruim e está inclinada ao mal, ainda que hajamos aceito a palavra e a creiamos”; c) o “mundo”, que é “perverso e mau”³². Em tudo isso o rei do Reino é aquele que batalha pelos seus súditos, dando-lhes as condições de, a partir do recebimento (passivo) de suas dádivas, tornarem-se, na sequência, ativos cooperadores de Deus em múltiplos serviços ao próximo. Assim como na interpretação dos Dez Mandamentos, Lutero mostra o quanto as pessoas que recebem os dons e dádivas de Deus podem e devem se tornar em instrumentos na mão de Deus, em múltiplos serviços ao próximo no mundo, assim também a 2ª petição mostrará qual é o espaço da cooperação dos cristãos no reino que Deus mesmo está construindo. Os cristãos precisam ser primeiro libertos por Cristo e pelo agir do Espírito de sua catividade sob os poderes das trevas e a escravidão debaixo de suas próprias culpas, alcançando a fé e, através dela, a redenção e a libertação, para depois tornarem-se instrumentos de Deus na libertação de outras pessoas de

²⁸ Lutero o formulou de forma marcante em De servo arbítrio: “*Regnum enim non paratur, sed paratum est, filii vero regni parantur, non parant regnum, hoc est, regnum meretur filios, non filii regnum*” (WA 18,694,26s “O reino não é preparado, mas já está preparado; os filhos do reino são preparados, e não são eles que preparam o reino, isto é, o reino é que merece os filhos, e não os filhos o reino” – tradução nossa). [WA: LUTHER, Martin. D. **Martin Luthers Werke**: Schriften. Weimarer Ausgabe – WA. Weimar: Hermann Böhlhaus, 2003-2007. (70 Bände)]

²⁹ Para detalhes, veja PETERS, 1992, p. 79s.

³⁰ PETERS, 1992, p. 73s.

³¹ Cf. PETERS, 1992, p. 81s.

³² Todas as citações: **Catecismo Maior**, p. 465.

suas escravidões sob os mesmos poderes. A dádiva imerecida do Reino compromete quem faz parte dele à obediência e ao serviço a Deus e ao próximo.

A 2ª petição do Pai Nosso contém, assim, o pedido de que aquilo que é humanamente impossível, que o ser humano faça parte do reino de Deus, seja concedido por Cristo – e isso, tanto à comunidade cristã, quanto aos que ainda não fazem parte dela (veja abaixo). O caráter humanamente indisponível do reino de Deus é fortemente ressaltado por Lutero, de modo a jamais poder ser interpretado como conquista humana, e sim, tão somente como conquista divina, dada como dádiva imerecida ao ser humano, que humildemente, em oração, é ensinado a *pedir* por ela: “o seu reino vem por si mesmo, sem as nossas petições, e contudo, pedimos que venha a nós, de sorte que também sejamos parte daqueles entre os quais o seu nome é santificado e seu reino está em vigor”³³. No Reino de Deus encontramos, assim, nada menos que o todo da fé cristã.

3.3 O REINO DE DEUS COMO AÇÃO DE LIBERTAÇÃO DO SER HUMANO EM SUA INTEGRALIDADE

Outro aspecto antropológico relevante da interpretação de Lutero é que ele entende que o ser humano em sua integralidade e a humanidade em seu todo são alvos do agir redentor de Deus. Redenção sempre é redenção da criação caída em sua integralidade e totalidade. A libertação que o reino de Deus traz abrange a tanto a humanidade quanto a pessoa humana na integralidade de seu ser, enquanto cativos sob forças maléficas. A pessoa humana em sua dimensão psíquico-física, como ser biopsicossocial e espiritual é o ponto de referência da irrupção graciosa do reino de Deus. A libertação atinge a vida terrena e a bem-aventurança e liberta de forças dentro da própria natureza humana que a aprisionam, como a carne. Carne não é sinônimo de corpo, mas a totalidade da pessoa humana em corpo/alma/espírito sob o domínio de sua natureza corrompida pelo poder do pecado. Deus liberta também do mundo como esquema inerente à própria existência terrena que corrompe todas as dimensões da vida. E liberta da “morte e da má consciência”, ou seja, é libertação da pessoa toda em todos os níveis de sua existência psíquico-física e espiritual, tanto nessa vida terrena, como em eternidade, para além das fronteiras dessa vida. Isso também se evidencia no agir do Espírito Santo, que é um dos aspectos do Reino de Deus: ele insere na comunhão dos santos, possibilita perdão de pecados, ressurreição dos mortos e vida eterna. Poderíamos, nesse sentido, afirmar que a missão de Deus, para Lutero, resguardadas as distinções entre criação e redenção, bens temporais e bens eternos, sempre será uma missão integral, abrangendo a redenção escatológica

³³ **Catecismo Maior**, p. 463.

da pessoa toda, voltada a totalidade da humanidade e da criação caída de todos os poderes das trevas e do mal. Nesse ponto há uma proximidade entre Lutero e concepções contemporâneas da missiologia, como a teologia da missão integral e a teologia missional³⁴.

3.4 O REINO COMO GRANDEZA PRINCIPIADA NO TEMPO E CONSUMADA NA ETERNIDADE

O NT fala da irrupção do reino de Deus como grandeza que irrompeu redentoramente nos dias de Jesus, e que continua irrompendo entre a primeira e a segunda vinda de Cristo sob o agir do Espírito Santo, e será consumado definitivamente por ocasião da parusia de Cristo. Ele é grandeza, para nós, passada, presente e futura. Trata-se de um único e mesmo reino, que em sua dinamicidade irrompeu com a vinda de Jesus de Nazaré, continua atuando até a volta de Cristo sempre lá onde o Espírito Santo está agindo e conduzindo pessoas à salvação, e que se tornará definitivo e eterno na parusia. Ele inicia no tempo e se consuma na eternidade, pois desde que Jesus Cristo veio ao mundo e o Espírito Santo foi derramado sobre toda a carne, não há mais tempo sem a presença da eternidade, nem mais eternidade que não irrompa no tempo. A pesquisa bíblica tem denominado essa característica da presença do Reino de Deus no entrecruzamento das modalidades do tempo (passado, presente e futuro) e na imbricação entre tempo e eternidade de escatologia – o reino de Deus é realidade escatológica. A leitura da 2ª petição do Pai Nosso na interpretação de Lutero mostra que ele pressupõe, explicitamente, essa dimensão escatológica, distinguindo entre o reino enquanto “agora principiado” e “eterno”³⁵. Ele fala com clareza de que modo a presença do Reino acontece dentro do tempo – ou de que modo nada menos do que a eternidade nos encontra no tempo, o céu nos encontra na terra, o reino futuro de Deus nos encontra no presente –, de forma concreta, mas marcada pelas fragilidades da existência temporal, e na eternidade, marcada pela plenitude. O fato de o reino ser “agora principiado” não quer dizer que ele esteja irrompendo apenas parcialmente no tempo ou que ele tenha vindo só parcialmente. O reino vem no tempo em sua inteireza, na obra consumada de Jesus Cristo e na obra em processo do Espírito Santo, e tudo isso afunilado na dádiva que nos é entregue gratuitamente na forma da palavra proclamada do evangelho, como será exposto mais abaixo. Parciais e marcados por fragilidades são os efeitos do Reino entre nós. Ele veio como obra completa, mas seus efeitos e seu avanço, nas coordenadas espaciotemporais desse mundo passageiro, são marcadas

³⁴ Sobre proximidades e distanciamentos entre o conceito de *missio Dei* e a missiologia de Lutero em relação a outras tradições, cf. SCHWAMBACH, 2019.

³⁵ **Catecismo Maior**, p. 464.

pelas fragilidades inerentes ao seu curso no tempo e no mundo. Esse aspecto fica ainda mais evidente ao se falar do *como* de sua irrupção.

4 COMO O REINO DE DEUS VEM A “NÓS”?

A segunda parte da explicação da 2ª petição do Pai Nosso é que Lutero aponta para os vários aspectos relativos ao *modo e aos meios* como o Reino de Deus chega “a nós”. Lutero distingue entre *duas modalidades da vinda do Reino de Deus*³⁶, considerando seu caráter escatológico: “Porque ‘a vinda do reino de Deus a nós’ ocorre de duas maneiras: primeiro aqui, no tempo, mediante a palavra e a fé; em seguida, na eternidade, pela revelação”³⁷. Lutero distingue entre a irrupção “aqui, no tempo”, e “na eternidade”. O mesmo reino, trazendo o mesmo conteúdo, que é a obra consumada de Cristo, que está sendo distribuída e aplicada pelo Espírito Santo nos corações, irrompe de maneiras ou modalidades *diferentes* no tempo e na eternidade. Sua presença é real, mas ela acontece de diferentes modos. Com a expressão “no tempo” Lutero tem em mente a história desse mundo como criação de Deus até o dia da volta de Cristo. E com a expressão “na eternidade”, Lutero tem em mente tudo o que acontece junto com e a partir da “revelação”, isto é, a volta de Cristo ou parusia em glória, para consumir definitivamente a redenção e fazer irromper visivelmente – por isso “revelação” – o seu reino, que é a nova criação, os novos céus e a nova terra nos quais habita justiça, em eternidade. É interessante que “no tempo”, o reino vem através de meios adequados ao tempo – através da *palavra* e da *fé*. Na eternidade, no entanto, sua realidade, verdade e essência, já presentes no tempo na palavra e na fé, serão “revelados” – não precisarão mais de mediações espaciotemporais ou materiais. É como se a realidade, a verdade e a essência do reino de Deus, enquanto ele irromper no tempo, só se tornam visíveis e acessíveis empiricamente na *palavra de Deus pregada e testemunhada* e na *fé em Cristo* gerada por ela, mas o reino, em si, na magnitude de sua revelação futura, embora já presente de forma real, permanecerá invisível aos olhos humanos – ele está visível somente na fragilidade da palavra e da fé, permanecendo abscondido em sua glória futura, que será revelada apenas quando da parusia de Cristo. Permanecerá, no tempo, uma realidade oculta ou abscondita aos olhos do mundo, mas presente tão somente na palavra e na fé. Realidade revelada, visível, inteiramente palpável, não mais carente de quaisquer mediações, ele o será somente na eternidade, na volta de Cristo, em poder e glória. A rigor, também a distinção entre abscondicidade e revelação, entre o caráter oculto e simultaneamente manifesto do reino de Deus é – como todas as

³⁶ Para detalhes, cf. PETERS, 1992, p. 53, 77.

³⁷ **Catecismo Maior**, p. 464.

distinções que caracterizam a teologia de Lutero – imprescindível, vital e constitutiva para a teologia luterana da missão e da *missio Dei*. Missão em perspectiva luterana, é basicamente *missão a partir da palavra*. A verdadeira força atuante e operadora da *missio Dei* é a palavra de Deus, sendo que nisso a missiologia luterana se distingue das concepções missiológicas que fazem a missão depender da ação humana, ou do planejamento estratégico missionário de igrejas, movimentos ou organizações eclesiais ou paraeclesiais³⁸. Ela também se distingue de concepções que reduzem a *missio Dei* à diaconia, muda de Deus, muda do evangelho – i. é, entendem missão como ação caritativa em prol do bem-estar, mas a desvinculam de qualquer testemunho ou anúncio explícito do evangelho. Modelos missiológicos que suprimem a “pregação” em qualquer de suas múltiplas formas padecem de evidentes reducionismos.

Novamente a interpretação de Lutero contém uma série de detalhes, que precisam ser explorados, e que auxiliam a entender os aspectos do que seria um conceito de missão formulado a partir de sua teologia.

4.1 PALAVRA E FÉ COMO MODALIDADES CENTRAIS DA VINDA TEMPORAL DO REINO DE DEUS

Como acontece a irrupção do reino de Deus *no tempo*? Através da *palavra* de Deus e da *fé* que dela decorre nas pessoas que a ouvem! A totalidade do agir de Deus, a magnitude do evento cósmico da irrupção do reino eterno de Deus em Jesus Cristo e no agir escatológico do Espírito Santo, que trazem consigo a virada dos *éons*, o apocalipse, enfim, a nova criação – tudo isso Deus torna acessível ao ser humano aqui e agora – *hic et nunc* – na fragilidade e singeleza da sua “palavra”³⁹. É isso que significa que o Reino de Deus irrompe na palavra! E ao mesmo tempo, a totalidade dos efeitos salvíficos ou redentivos do Deus triúno na pessoa humana, no indivíduo, Deus torna realidade ao criar no coração de uma pessoa, mediante palavra pregada (e sacramentos oficiados conforme a palavra), a verdadeira fé. Na teologia de Lutero tudo se afunila na palavra e na fé – que ele também costuma denominar

³⁸ „[Die] Aussagen des Reformators bleiben freilich durch eine präzise Grenze vom neuzzeitlichen Missionsgedanken getrennt: Eine menschliche Planmission liegt jenseits seines Horizontes. ‚Träger der Mission ist (für ihn) nicht ein menschlich organisiertes Werk sondern Gottes lebendiges Wort‘ [W. Maurer]“. (PETERS, 1992, p. 53, com remissão para literatura que aborda o tema missão em Lutero.)

³⁹ „Das ‚Gnadenreich‘ des himmlischen Vaters ist hier auf Erden allein dort zu finden, wo das Evangelium von unserer Errettung durch Christi Opfertod ‚rechtschaffen durch die Welt gepredigt wird‘. Wie die Kirche ‚creatura verbi‘ ist, so ist auch Gottes Königtum eine Herrschaft durch das Wort vom Kreuz.“. (PETERS, 1992, p. 80)

de *promissio* e *fides*⁴⁰. Palavra e fé são os dois meios que Deus usa para fazer seu reino “vir”, de tal modo que “nós” pessoal- e individualmente possamos recebê-lo, acolhê-lo, fazer parte dele. Lutero compreende a palavra – a principal das *notae ecclesiae*⁴¹ – como *verbum corporeum* em sua mediação material e conexão com os sacramentos batismo e santa ceia⁴². Isso significa que, no presente mundo, para Lutero, a realidade da vinda do reino de Deus permanecerá constitutivamente vinculada à pregação da palavra de Deus e ao surgimento da fé nas pessoas, possibilitada pela pregação da palavra. Fora do anúncio da palavra de Deus e fora da fé que recebe a palavra de Deus não há salvação. Palavra e fé são necessárias para a salvação! As implicações para a missiologia em perspectiva luterana estão, assim, escancaradas: Não há *missio Dei* em ótica luterana sem que esta se afunile em palavra e fé.

4.1.1 A vinda do Reino de Deus na palavra de Deus retamente pregada ou no evangelho

Para o Reformador, a rigor, na palavra de Deus, e tão somente nesta, o reino de Deus está presente nesse mundo passageiro e transitório. Fora da palavra de Deus e os efeitos que ela opera nos que a ouvem e praticam não há reino de Deus em sentido restrito. Isso fica evidente em sua explicação: “Tudo isso outra coisa não é do que dizer: ‘Amado Pai, pedimos que nos dê primeiro a tua palavra, para que o evangelho seja pregado retamente em todo o mundo’⁴³. Percebe-se que a vinda do reino é, no tempo, idêntica com a dádiva da palavra de Deus. No Catecismo maior, palavra de Deus está tanto para o todo da doutrina cristã, quanto para seu conteúdo específico. Chama atenção que Lutero explica o que é a dádiva da “palavra”, afirmando que ela consiste em que o “evangelho seja pregado retamente”. O reino irá irromper nesse mundo lá, e tão somente lá, onde a palavra for pregada como evangelho, boa nova a respeito de Jesus Cristo, nos termos que os 4 evangelhos e o Novo Testamento nos apresentam esse evangelho. O evangelho é o resumo do próprio reino escatológico de Deus. Vale ressaltar que Lutero não entende palavra de modo isolado, mas em sentido amplo, abrangendo a ministração do evangelho

⁴⁰ Sobre o significado e abrangência desses termos centrais na teologia de Lutero, cf. BAYER, Oswald. **Promissio**. Geschichte der reformatorischen Wende in Luthers Theologie. 2. durchgesehene, um ein Vorwort erweiterte Aufl. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1971.

⁴¹ Sobre a palavra como *nota ecclesiae*, cf. SCHWAMBACH, Claus. A palavra de Deus como sinal ecumênico da igreja (*nota ecclesiae*) na ótica de Martin Lutero. In: **Caminhos do Diálogo**. Curitiba, v. 9, 2018, p. 110-133 [doravante: SCHWAMBACH, 2018b].

⁴² Cf. BAYER, 2007, p. 185ss.

⁴³ **Catecismo Maior**, p. 464.

em palavra e sacramentos, em sua presença na riqueza das *notae ecclesiae*⁴⁴. Há um vínculo constitutivo entre o reino de Deus e a palavra de Deus, que, por conseguinte, também é constitutivo e pressuposto para a compreensão do que é missão e *missio Dei* em Lutero.

Não por acaso, Lutero remete nesse ponto explicitamente para o 3º artigo do Credo, que trata da obra do Espírito Santo e dos meios que ele usa para santificar as pessoas (igreja cristã – incluindo o fato de nela se encontrarem palavra e sacramentos, remissão dos pecados, ressurreição do corpo e vida eterna): “[P]edimos ... em segundo lugar, que também seja aceito pela fé, e atue e viva em nós, de forma que pela palavra e poder do Espírito Santo o teu reino tenha curso entre nós e seja destruído o reino do diabo”⁴⁵.

A rigor, reino de Deus, palavra de Deus e evangelho são, aqui nesse contexto, uma coisa só – diferentes dimensões de uma única e mesma realidade dinâmica. Mas o efeito e o impacto destes depende e está vinculado ao poder e agir do Espírito Santo e dos meios materialmente mediados, espaciotemporais que ele usa. O curso do reino no mundo é idêntico ao curso do agir do Espírito Santo no mundo a partir da palavra proclamada. Missão enquanto propagação do reino de Deus no mundo é obra do Deus triúno, sendo que também a missão consiste em que a pessoa do Espírito Santo conceda fé na palavra pregada, que dá testemunho da obra consumada de Jesus Cristo enquanto o enviado do Pai. Nesse contexto, é imprescindível também lembrar que, quando Lutero fala da vinda do reino de Deus como propagação da palavra de Deus, embora não mencione isso explicitamente aqui, ele subentende que os cristãos e a igreja são, por excelência, os instrumentos que Deus usa. Ou seja, é preciso, nessa parte da 2ª Petição do Pai Nosso, recorrer aos vários aspectos da interpretação do 3º artigo do Credo.

Assim, o Espírito Santo permanece com a santa congregação, ou cristandade, até o dia derradeiro. Por ela nos busca e dela se serve para ensinar e pregar a palavra, mediante a qual realiza e aumenta a santificação, para que diariamente cresça e se fortaleça na fé e em seus frutos, que ele produz⁴⁶.

Instrumento da missão de Deus e instrumentos do agir redentor e santificador do Espírito Santo são os cristãos, é a igreja cristã.

Por fim, Lutero ressalta a necessidade de que o evangelho “seja pregado retamente”, isto é, de forma pura, não deturpada, coerente com o testemunho das

⁴⁴ Cf. SCHWAMBACH, 2018b, onde há uma explanação sobre as *notae ecclesiae* conforme Lutero.

⁴⁵ **Catecismo Maior**, p. 464.

⁴⁶ **Catecismo Maior**, p. 464.

Escrituras⁴⁷. Pedir pela vinda do reino de Deus significa, para Lutero, pedir pela dádiva da palavra, da fé e de uma vida obediente através do agir do Espírito Santo: “A palavra vale como a única forma, pela qual nessa vida bens e dons espirituais estão acessíveis à criatura”, ao ser humano⁴⁸. Onde o evangelho for pregado de modo não reto, a mensagem do reino de Deus será igualmente deturpada e sua real vinda prejudicada. Missão acontece, assim, onde o evangelho é anunciado através da pregação da palavra de Deus, fazendo com que a realidade do reino de Deus chegue às pessoas. Fazer missão é, em sentido restrito, fazer com que a palavra de Deus chegue ao mundo e o evangelho seja pregado retamente.

4.1.2 A aceitação do evangelho por meio da fé em Cristo

A vinda do Reino de Deus no tempo não se esgota na pregação da palavra e do evangelho, mas quer chegar “a nós” e “em todo mundo”: “Amado Pai, pedimos que nos dê primeiro a tua palavra [...]; em segundo lugar, que também seja aceito pela fé, e atue viva em nós, de forma que pela palavra e poder do Espírito Santo o teu reino tenha curso entre nós e seja destruído o reino do diabo”⁴⁹.

Lutero não fala apenas da aceitação pela fé entre pessoas já cristãs, mas também entre pessoas que *ainda não* são cristãs, que é o preciso – e precioso – ponto em que encontramos em sua teologia a temática da missão de forma explícita, embora Lutero mesmo não use essa terminologia:

Pedimos, por conseguinte, aqui, em primeiro lugar, que isso tome efeito entre nós, e que destarte seu santo nome seja exaltado pela santa palavra de Deus e por uma vida cristã, tanto para nós, que a aceitamos, nisso permaneçamos e diariamente progridamos, como também a fim de que alcance assentimento e adesões entre outros homens e marche poderosamente pelo mundo universo, a fim de muitos deles, trazidos pelo Espírito Santo, virem ao reino da graça e se tornarem partícipes da redenção, para que dessa maneira todos juntos fiquemos eternamente em um só reino, agora principiado.⁵⁰

A aceitação pela fé é a porta de entrada do Reino de Deus e do evangelho na vida e no mundo, de modo a fazer efeito salvífico. A aceitação do reino de Deus

⁴⁷ Uma explanação detalhada sobre o que Lutero entende por pureza da palavra pregada encontra-se em SCHWAMBACH, 2018b e, sob uma ótica mais voltada para a missão e a edificação de comunidades, em SCHWAMBACH, Claus. “*Quo vadis ecclesia?*” – A eclesiologia de Lutero e sua contribuição para o desafio da edificação de comunidades na Igreja Luterana no Brasil. In: SCHWAMBACH, Claus; SPEHR, Christopher (Eds.). **Reforma e Igreja**. Estudos sobre a eclesiologia da Reforma na história e na atualidade. São Bento do Sul, 2015, p. 76-164.

⁴⁸ BUCHHOLZ, [s.a.], p. 42.

⁴⁹ **Catecismo Maior**, p. 464.

⁵⁰ Catecismo Maior, p.463s.

pela fé em Cristo torna uma pessoa participante na redenção. Se através da palavra de Deus e do evangelho o reino vem a nós como *dádiva*, através da aceitação pela fé pessoal se dá o *recebimento* dessa dádiva por parte das pessoas. De uma ou outra forma, fica evidente que também a dimensão da “aceitação” do reino, i.é, da palavra ou do evangelho, por parte das pessoas, é uma dimensão fundamental para que a salvação tome forma concreta na vida destas. Missão em perspectiva Luterana tem a ver tanto com a propagação da palavra quanto com sua aceitação pelas pessoas – com seu arrependimento e conversão operados por Deus⁵¹.

Na parte final de sua interpretação da 2ª petição do Pai Nosso, Lutero incentiva as pessoas a pedirem pela vinda do Reino de Deus, pois ele é honrado quando as pessoas pedem o que ele ricamente oferece. Nesse contexto, Lutero também deixa claro que o verdadeiro problema é a falta de confiança e a incredulidade, que faz com que as dádivas de Deus não sejam aceitas pelas pessoas: “importa em grande afronta e desonra a Deus quando nós, a quem ele oferece e promete tantos bens inefáveis, os desprezamos ou não confiamos recebê-los, [...] Tudo isso é culpa da vergonhosa incredulidade”⁵².

4.2 O CRESCIMENTO DO REINO DE DEUS NO MUNDO – INTENSIVIDADE E EXTENSIVIDADE DA *MISSIO DEI*

Na sequência, Lutero fala de uma aceitação entre dois públicos, associando a estes o que se tem chamado de *crescimento intensivo e extensivo* do reino de Deus: já cristãos e ainda não cristãos. O reino de Deus é uma realidade dinâmica que está destinada por Deus a crescer, tanto na vida dos cristãos, quanto no mundo. O crescimento é uma das características desse reino, sendo que o crescimento intensivo e o extensivo são inseparáveis. Isso significa que *crescimento intensivo e extensivo* são dimensões constitutivas da *missio Dei* e da missão em ótica luterana.

⁵¹ „Bekehre die, so noch sollen Kinder und Glieder Deines Rechts werden, dass sie mit uns und wir mit ihnen Dir in Deinem Reich in rechtem Glauben und wahrhafter Liebe dienen und aus diesem angefangenen Reich in das ewige Reich kommen“ (WA 18,360,38ss). Uma abordagem sobre o tema da evangelização em perspectiva luterana, incluindo uma interpretação dos seus pressupostos antropológicos contidos no escrito *De servo arbitrio* (1524) de Lutero, encontra-se em SCHWAMBACH, Claus. *Evangelização no horizonte da vontade cativa. Desafios da antropologia da Reforma protestante*. In: **Vox Scripturae** – Revista Teológica Brasileira. São Bento do Sul, v. XVI, n. 2, out./2008, p. 38-122.

⁵² *Catecismo Maior*, p.464.

4.2.1 O crescimento intensivo do Reino de Deus – A santificação dos cristãos

O primeiro público é o de pessoas já cristãs – “nós [...] que já o recebemos”⁵³. Entre eles, o crescimento do reino de Deus se dá de diversas formas, que se deixam resumir na palavra “santificação”. Neles, a palavra deve fazer efeito de modo a levá-los a uma “vida cristã”, de maneira que “nisto permaneçamos e diariamente progridamos”⁵⁴. Percebe-se que vida cristã não se resume a permanecer firme na fé, mas inclui a dimensão do progresso e do crescimento, incluindo o colocar sua vida à serviço do Reino de Deus. Cristãos não foram chamados à estagnação nos assuntos da fé e da *missio Dei*. Neles a vida pretendida por Deus cresce em intensidade, de maneira que ela venha a se refletir na prática, na ética cotidiana, nos efeitos transformadores do evangelho na vida pessoal. Mais adiante Lutero enfatizará que

pela palavra e poder do Espírito Santo o teu reino tenha curso entre nós e seja destruído o reino do diabo, para que não tenha direito nem poder sobre nós, até que, afinal, seja totalmente aniquilado, e o pecado, a morte e inferno sejam exterminados, a fim de vivermos eternamente em plena justiça e bem-aventurança.⁵⁵

O acolhimento da palavra de Deus não é só ato inicial da caminhada cristã, mas sua característica permanente até a morte e a consumação. Cumpre aceitar e acolher a obra de Deus até o fim da vida, pela fé.

4.2.2 O crescimento extensivo do Reino de Deus – Missão entre não-cristãos

O segundo público – e aqui encontramos as principais declarações de Lutero sobre o que denominamos hoje de missão (ou ainda missões) é a petição pelo crescimento do reino de Deus “em todo mundo”⁵⁶. Ora-se para que o reino “alcance assentimento e adesões entre outros homens e marche poderosamente pelo mundo universo, a fim de muitos deles, trazidos pelo Espírito Santo, virem ao reino da graça e se tornarem partícipes da redenção”⁵⁷. Aqui encontramos, em sentido restrito, o que seria missão para Lutero: Que o reino ou o evangelho seja pregado e leve a conversões, a “assentimento e adesões”. O crescimento do reino aqui é extensivo, devendo o evangelho do reino marchar pelo “mundo universo”. Mundo é, para o Reformador, todo o âmbito de pessoas que vivem fora do Reino da graça de Cristo.

⁵³ *Catecismo Maior*, p.462.

⁵⁴ *Catecismo Maior*, p. 463.

⁵⁵ *Catecismo Maior*, p. 464.

⁵⁶ *Catecismo Maior*, p. 464.

⁵⁷ *Catecismo Maior*, p. 463s.

Lutero distingue entre os cristãos, que já estão no reino e já receberam a redenção, dos que ainda precisam vir ao reino, acolhê-lo e se tornarem partícipes dele. Nisso reside, portanto, a missão: a pregação deve chegar a não cristãos. A pregação da igreja cristã a respeito de Jesus Cristo é o meio, por excelência, através do qual Deus realiza a missão e o reino de Deus cresce extensivamente entre nós no mundo. Tal missão tem tempo e lugar definidos: ocorre entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, por todo o mundo, sem limites geográficos. Também tal crescimento extensivo precisa ser visto como parte da batalha escatológica de Deus contra todos os poderes do mal. Participar no reino é idêntico com participar da redenção. Assim, percebemos que para Lutero é na *unidade entre palavra, fé e santificação que o Reino de Deus está presente nesse mundo*, como grandeza que já teve seu início, e cresce diariamente.

4.2.3 Excurso: Declarações diversas de Lutero sobre o tema da missão entre não cristãos

Ao longo da obra do Reformador, encontramos declarações de certa forma isoladas, mas muito sólidas a respeito da missão. Numa prédica sobre Marcos 16.15, de 1522, Lutero interpreta a expressão “ide por todo o mundo”, conectando-a com Romanos 10.18, onde o Ap. Paulo afirma que a voz dos apóstolos se fará ouvir por todo mundo. Para Lutero, a pregação dos apóstolos será levada a todo o mundo, mesmo que eles mesmos não tenham tido condições de alcançar todo o mundo, especialmente os gentios. Pois tal pregação não ocorre de uma vez, mas acontecerá paulatinamente ao longo dos séculos através dos cristãos, até o fim dos tempos, devendo abranger os lugares mais distantes. Quando essa pregação tiver sido anunciada por todo o mundo, virá o dia do juízo final⁵⁸. Em seu escrito *Que uma reunião ou comunidade cristã possui o direito e a autoridade*, de 1523, que trata da responsabilidade de cristãos e de comunidades pela pregação do evangelho, Lutero enfatiza que cada cristão é um sacerdote e pode anunciar a palavra de Deus. Onde há pessoas com um chamado regular numa comunidade, essa tarefa é delegada a elas. Diferente acontece lá, onde não há cristãos:

Quando ele [o cristão] estiver em um lugar onde não há cristãos, ele não necessita de nenhum outro chamado, a não ser o fato de ser cristão, chamado e ungido interiormente por Deus. Então é seu dever pregar ao gentio ou não cristão errante e ensinar o evangelho a partir da obrigação do amor ao

⁵⁸ Cf. WA 10 III,139,17-140,16.

próximo. Pois em tal situação um cristão vê em amor fraterno a necessidade das almas perdidas e não espera que lhe seja dada uma ordem.⁵⁹

Ao interpretar Zacarias 12.6, em 1527, Lutero escreve a respeito da atuação missionária de cristãos junto a gentios:

[...] também os cristãos devem [...] trazer muito fruto através da palavra entre os gentios, converter e tornar bem-aventurados muitos [...] Assim o fogo do Espírito Santo deve consumir os gentios conforme a carne e fazer espaço para o evangelho e o reino de Cristo em todos os lugares.⁶⁰

Na *Prédica de campanha contra os turcos*, de 1530, Lutero aborda a questão do testemunho missionário dos cristãos junto a muçulmanos. Ao constatar que muitos cristãos, ao se tornarem prisioneiros, acabavam decaindo da fé e se tornando muçulmanos, ele os exorta a permanecerem firmes na fé em Cristo, que lhes deu a salvação. Aos prisioneiros Lutero também anima à perseverança e ao testemunho, a honrarem o evangelho e o nome de Cristo junto aos turcos, mediante firmeza na fé, na doutrina, e no bom exemplo na vida cristã,

a fim de que teu Senhor e talvez muitos outros, tão maus estes também sempre sejam, precisem dizer: Muito bem, os cristãos são realmente povo fiel, obediente, correto, humilde e dedicado. E tu irias assim envergonhar a fé dos turcos, e talvez converter muitos, quando eles fossem ver que os cristãos superam de tão longe os turcos com humildade, paciência, zelo, fidelidade e outras virtudes similares.⁶¹

Em 1542, no escrito *Bruder Richards [da Monte Croce] Widerlegung des Korans*, Lutero avalia a situação dos turcos e sarracenos com sua fé em Maomé e entende que, dada a forte rejeição e ridicularização do evangelho, bem como dado o endurecimento do seu coração, não é possível convertê-los, de modo que eles permanecem sob a ira de Deus. Lutero mostra uma preocupação por sua conversão, mas dada a rejeição, considera a mesma impossível naquele momento⁶². Por fim, é importante registrar que Lutero, em 1523, em seu escrito *Que Jesus Cristo é nascido judeu*, mostrou grande interesse em levar o evangelho e fazer missão entre os judeus. Após muitas decepções e constatação da incredulidade dos judeus, no entanto, a tônica mais missionária do escrito de 1523 foi abandonada, levando Lutero a

⁵⁹ Cf. WA 11,411,31-412-29.

⁶⁰ WA 23,645,30-35.

⁶¹ Cf. WA 30 II,185,18-195,4.

⁶² Cf. WA 53,276,7-26.

manifestações muito críticas e depreciativas em relação aos judeus em seus escritos posteriores, das quais o Luteranismo contemporâneo se distanciou.

Todos esses textos – e haveria ainda muitos outros mais⁶³ – servem apenas de breve amostra de que não há dúvidas de que Lutero percebe com muita clareza, a partir dos textos das Escrituras Sagradas, a necessidade e a abrangência da missão junto aos povos, aos pagãos e aos não cristãos. O evangelho deve alcançar todos os povos, a fim de que se convertam a Cristo a partir do agir do Espírito Santo, e façam parte do reino de Deus e da salvação.

4.2.4 O crescimento intensivo e extensivo do reino de Deus e a destruição das forças do mal

Para Lutero, onde o crescimento do reino de Deus ocorre de forma intensiva entre os crentes, e extensiva entre os ainda não crentes, o reino vai se impondo como o mundo definitivo proposto por Deus perante o pecado, a morte, o inferno e o diabo, como realidades que tentam manter seu direito sobre a vida dos cristãos e das pessoas em geral. Onde o reino chega e é aceito, faz com que essas forças percam seu direito e seu poder, i. é, sua influência maléfica sobre a vida das pessoas, já nessa vida, e cabalmente, na consumação. Percebe-se que a já mencionada batalha escatológica travada por Deus contra seus inimigos não possui apenas uma dimensão cósmico-universal, mas também, simultaneamente, dimensões bem pessoais – tendo efeitos renovadores e transformadores sobre os indivíduos que creem em Cristo – e, por conseguinte, eclesiais, pois Lutero sempre fala na 2ª pessoa do plural, o “nós” da igreja cristã. O Reino de Deus cresce de forma *intensiva*, como santificação, na vida de todos que já fazem parte da igreja cristã. O Reino é, para Lutero, na prática, uma realidade *idêntica com a igreja cristã*. E na medida em que cresce de forma *extensiva*, quer, na prática, levar mais pessoas a fazerem parte da igreja, a partir da fé em Cristo. Tal batalha escatológica mostra-se também aqui, como um horizonte sob o qual se dá o trabalho missionário da igreja cristã no mundo. Missão não ocorre em campo neutro, mas em território ocupado por forças e poderes que se opõem a Deus. Lá onde ela, no entanto, resulta na fé das pessoas, o direito e o poder dessas forças vai sendo vencido e anulado, até que a batalha já cabalmente conquistada por Cristo mostre visivelmente seus efeitos, por ocasião da volta de Cristo. A batalha escatológica de Deus contra o pecado, a carne, o mundo e o diabo perpassa, em resumo, a redenção e a santificação, rumo à sua

⁶³ Cf. RAUPP, Werner (Ed.). **Mission in Quellentexten**. Von der Reformation bis zur Weltmissionskonferenz 1910. Erlangen: Verlag der Ev.-Luth. Mission; Bad Liebenzell: Verlag der Liebenzeller Mission, 1990, p. 13-20; WETTER, Paul. **Der Missionsgedanke bei Martin Luther**. Bonn: Verlag für Kultur und Wissenschaft, 1999, p. 103-154.

consumação derradeira, quando a participação das pessoas no reino da graça, agora ainda marcada pela fragilidade, será visível e plena. De um lado, subjetivamente falando, a morte de uma pessoa a coloca no ponto de passagem e de transição entre as duas modalidades da presença do reino, a temporal e a eterna. De outro lado, objetivamente falando, é a parusia ou volta de Cristo, que Lutero chama de “revelação” do reino de Deus, que inaugura definitivamente a vida eterna.

Antes de abordar a segunda modalidade da vinda do reino de Deus, mais abaixo, registre-se que na interpretação de Lutero a vinda *temporal*, e não tanto a vinda futura, perfaz o foco e o centro de suas atenções, ocupando maior espaço em sua explanação. A petição “venha o teu reino” é, para Lutero, embora não exclusivamente, acima de tudo uma petição pela vinda *presente* desse reino, na forma de seu crescimento intensivo e extensivo no mundo. A missiologia de Lutero encontra-se, assim, sob a marca da escatologia fortemente presente do Reformador aqui.

4.2.5 Reino de Deus e igreja cristã

Vários foram os momentos da abordagem até aqui que demonstraram que, a rigor, o reino de Deus é uma grandeza que, para o Reformador, é, na prática, idêntica com a igreja cristã. Todo o Pai Nosso, e dentro dele a 2ª petição, é uma oração que Jesus ensinou aos discípulos, uma oração da igreja cristã. O constante uso dos pronomes “nós” e “nos” o atesta. Trata-se do “nós” e “nos” da comunidade cristã. E na medida que o *Reino, que é idêntico com a igreja*⁶⁴, vem pela palavra e pela fé, mas sempre na batalha contra os poderes do mal, a comunidade cristã é constitutivamente envolvida pela realidade do reino. Ela sofre a ação de Deus em sua vida, na totalidade de suas dimensões, mas também se torna em instrumento da ação de Deus no mundo, na prática da oração e da missão. Na medida em que o reino de Deus cresce intensivamente entre os cristãos, estes tendem a tornar-se em instrumentos de Deus na propagação da palavra entre ainda não cristãos. Primeiro eles são receptores do agir de Deus, passivos, para, com base nisso, tornarem-se em propagadores e instrumentos do agir de Deus no mundo, ativos na missão de Deus. *O tempo do crescimento intensivo e extensivo do reino de Deus no presente mundo é idêntico ao tempo de existência da igreja.* Ambos se estendem da ascensão de Cristo até a parusia de Cristo. Reino de Deus e cristandade ou igreja são a mesma coisa para Lutero. À igreja cristã compete, assim, preocupar-se com seu próprio crescimento na fé (santificação), mas também preocupar-se com o crescimento

⁶⁴ Sobre a identificação entre igreja e Reino de Deus por Lutero, cf. PETERS, 1992, p. 78ss. „*Kirche und Gottesreich sind in den Katechismen ineinsgeschaut; sie beide sind verstanden als Herrschaftsbereich wie Herrschaftsvollzug des sich erbarmenden Gottes.*“ (p. 83).

extensivo do reino de Deus entre os que dele ainda não fazem parte (missão visando conversão e fé de não cristãos). Essa é a missão da igreja. Ela não é sujeito nem agente da missão, mas instrumento.

4.3 A REVELAÇÃO DO REINO COMO A MARCA DE SUA VINDA FUTURA, EM ETERNIDADE

Da irrupção do reino de Deus no presente pela palavra e pela fé, que é o âmbito da santificação da igreja e da missão da igreja cristã, Lutero distingue sua vinda “na eternidade, pela revelação”⁶⁵. Trata-se da segunda modalidade da vinda do reino, escatologia futura. Essa segunda consiste na revelação ou na volta de Cristo em poder e glória, para a consumação. Lutero entende a revelação como o tornar-se visível e palpável de uma realidade que já estava presente no mundo, mas de modo apenas acessível na palavra e na fé. Revelação significa que palavra e fé tornam-se supérfluos, pois a realidade do reino em sua forma consumada estará, finalmente, acessível de forma *imediata* – i. é, sem mais necessitar de mediações. Será visível, palpável. Trata-se da consumação da vitória derradeira de Deus. A vitória cabal de Cristo sobre as forças do mal (pecado, carne, mundo e diabo), propagada pelo Espírito Santo ao longo da história humana desde a ascensão de Cristo, finalmente sairá de sua modalidade de abscondicidade, e será plenamente revelada. De oculta, tornar-se-á manifesta, revelada. Então as forças e o poder do reino de Deus, que até então apenas principiaram e mostraram de forma incipiente seus frutos, sua força e seu poder, serão plenamente manifestas. Com a revelação, que é a realidade futura e eterna para qual Deus faz o mundo caminhar, o propósito de Deus será alcançado, que é o “de vivermos eternamente em plena justiça e bem-aventurança”⁶⁶.

5 SOBRE A IMPORTÂNCIA E A PRIORIDADE DA ORAÇÃO PELA VINDA DO REINO DE DEUS

A 3ª parte da interpretação de Lutero da 2ª petição do Pai Nosso consiste em uma exortação à oração, à fé, e uma explanação a respeito da relevância da dádiva do reino de Deus em relação às outras dádivas. Primeiramente, Lutero enfatiza que “não pedimos aqui uma esmola ou algum bem temporal, passageiro, mas um tesouro eterno, excelso, e tudo aquilo de que o próprio Deus dispõe”⁶⁷.

⁶⁵ *Catecismo Maior*, p. 464.

⁶⁶ *Catecismo Maior*, p. 464.

⁶⁷ *Catecismo Maior*, p. 464.

Como Lutero já vinha fazendo ao longo do Decálogo e do Credo e das demais petições do Pai Nosso, ele faz questão de ressaltar a diferença entre os bens temporais (dos quais tratam a 4ª à 7ª petição) dos bens eternos (dos quais tratam a 1ª até a 3ª petição), tendo na petição pela vinda do reino seu núcleo central. O Reino de Deus é “tesouro eterno” e é idêntico a “tudo aquilo que o próprio Deus dispõe”. No Reino, Deus se entrega a si mesmo, a comunhão tanto temporal quanto eterna com ele mesmo, sendo que nisso reside a salvação ou a redenção. A centralidade dessa dádiva é o fundamento da exortação de Lutero à oração, que deve ser *com confiança*, sem incredulidade, valorizando o que Deus oferece como aquele que é “eterna e inexaurível fonte, que, quanto mais escorre e desborda, tanto mais dá de si. E nada mais há que ele deseje mais de nós do que isso: que lhe peçamos muitas e grandes coisas”⁶⁸. Lutero entende ser “uma grande afronta e desonra a Deus” quando as pessoas não lhe pedem as coisas. As pessoas devem esperar de Deus, sem duvidar, tanto bens temporais, como o pão, quanto “tais bens eternos”⁶⁹, como a vinda do seu Reino. A rigor, o Pai Nosso é, para Lutero, uma oração que, sem desconsiderar as necessidades cotidianas e o “bem temporal, passageiro”, incentiva a clamar pelo “tesouro eterno, excelso”, que é a irrupção redentora do reino sobre a própria vida⁷⁰. Deixando-se nortear por Mt 6.33, Lutero entende que onde na oração se prioriza o pedido de que o reino irrompa em vez das petições voltadas para suprir a própria barriga, “a gente também receberá em abundância todas as outras coisas, conforme ensina Cristo”⁷¹. Disso se pode depreender que *oração e missão são, para Lutero, algo inseparável*. Pois a petição pela vinda do Reino é a petição, poderíamos afirmar, para que a missão aconteça no mundo. É oração pelo crescimento intensivo do evangelho na vida dos cristãos, e pelo seu aceite pelos não cristãos. Quem ora em favor da vinda do Reino de Deus também faz, nesse sentido, missão. Orar pela irrupção e vinda do Reino de Deus, pela irrupção do futuro já no presente, é rogar a Deus pelo acesso às suas dádivas e, ao mesmo tempo, por proteção ante os ataques do diabo. A oração é feita em favor próprio (crescimento intensivo, santificação) e em favor do mundo (crescimento extensivo, missão). Ela é, assim, um serviço que a igreja cristã presta ao mundo. *Missão, pregação e testemunho da palavra e do evangelho, e oração são coisas inseparáveis na teologia do reformador*.

⁶⁸ **Catecismo Maior**, p. 464. Lutero o ilustra na oferta que um rico imperador faz a um pobre mendigo, de lhe pedir o que desejasse, dispondo-se a “dar-lhe um presente grande, imperial, e o néscio mais não mendigasse que uma sopa econômica” (p. 464).

⁶⁹ Citações: **Catecismo Maior**, p. 464.

⁷⁰ **Catecismo Maior**, p. 464. “Tudo isso é culpa da vergonhosa incredulidade, que de Deus não espera nem mesmo tanto bem como que lhe supra a barriga.” (p. 464).

⁷¹ **Catecismo Maior**, p. 464. Cf. PETERS, 1992, p. 85s.

Nesse contexto, fica mais uma vez evidenciado o que Lutero entende ser prioritário para o ser humano, qual a necessidade básica que deve pedir a Deus, sendo que ele alude explicitamente a Mt 6.33:

Razão por que cumpre nos fortaleçamos contra a incredulidade e deixemos que isso [i. é, tais bens eternos] seja a nossa primeira petição. Então, com certeza, a gente também receberá em abundância todas as outras coisas, conforme ensina Cristo: ‘Buscai em primeiro lugar o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas’. Pois como permitiria que minguassem bens temporais e sofrêssemos penúria, quando promete o que é eterno e imperecível?⁷²

Prioridade – o que deve ser buscado em primeiro lugar, conforme Mt 6.33 – são os bens eternos, o reino. Primeiro vem a salvação, depois o suprimento das demais necessidades da vida terrena⁷³. De modo consequente, Lutero preserva à absoluta prioridade as 3 primeiras petições – que clamam pelo “teu” nome, “teu” reino e “tua” vontade – em detrimento das 4 últimas petições – que clamam pelo pão “nosso”, “nossas” dívidas, “nossa” tentação, e o mal que “nos” afeta, que caracteriza a oração do próprio Jesus. Nessa escala de prioridade evidencia-se que a intenção do Pai Nosso não é a de buscar o Reino de Deus apenas em razão do suprimento de suas necessidades terrenas e bem-estar, mas de buscá-lo por causa dele próprio. Toda essa parte da interpretação de Lutero evidencia que Deus, ao ser incomensuravelmente bondoso como criador e redentor, e ao colocar-nos diante de suas dádivas, nada mais procura em nós seres humanos do que a fé que se apega em suas palavras e promessas, levando-nos à autêntica oração que dele tudo espera, e assim o honra como Deus e senhor.

6 CONCEPÇÃO DE MISSÃO A PARTIR DE LUTERO – ESBOÇO E SÍNTESE

Se tentarmos desenvolver um conceito luterano de missão e de *missio Dei* a partir da *sistemática do Catecismo* constante na teologia do Catecismo Maior de Lutero, com concentração especial na 2ª Petição do Pai Nosso, chegamos à seguinte proposta⁷⁴, que aqui esboçamos em linhas bem gerais:

1) Fundamento da missão: Missão é sempre missão de Deus (*missio Dei*), pois emerge da ação redentora de Deus, o Pai, que como criador e mantenedor

⁷² *Catecismo Maior*, p. 464.

⁷³ Para o significado de Mt 6.33 na interpretação de Lutero do Pai Nosso, cf. SCHWAMBACH, 2019, p. 434-436 (seção 2.6.4).

⁷⁴ Cf. BUCHHOLZ, [s.a.], p. 51ss.

preserva a vida das pessoas cativas sob o poder do pecado, da carne, do mundo, da morte e do diabo, a fim de que entrem em contato com a obra redentora consumada através de seu único filho, Jesus Cristo, e cheguem à fé nele através da palavra pregada e da ação do Espírito Santo. Considerando que o Reino de Deus é idêntico com a redenção conquistada por Cristo e a santificação operada pelo Espírito Santo, missão tem seu fundamento e horizonte na irrupção apocalíptico-escatológica e na presença redentora do Reino de Deus nesse mundo. Missão acontece lá onde o Reino de Deus alcança pessoas no tempo e no espaço, na história, tomando forma através da pregação da palavra e da fé, fazendo com que pessoas perdidas, que ainda não faziam parte do Reino de Deus, o aceitem e se tornem participantes deste. Missão tem a ver com redenção de pessoas para fora do juízo condenatório de Deus, pressupondo diversas *distinções vitais*, a saber, entre criação e redenção ou presença/bondade criadora/mantenedora e presença/bondade redentora de Deus, entre bens temporais e bens eternos, ira e amor, juízo e graça, mundo e igreja, perdição e salvação, reino de Deus à esquerda e reino de Deus à direita, necessidades primárias e relativas à salvação e necessidades secundárias e relativas ao bem-estar – resumindo: entre lei e evangelho. Tais distinções são essenciais, imprescindíveis e vitais, pois são elas que dão a característica específica à compreensão tipicamente luterana da *missio Dei*, em distinção de outras concepções missiológicas.

2) O sujeito da missão: É o Deus triúno, que preserva a vida das pessoas que se afastaram dele como criador e Pai, que conquista a redenção através de Jesus Cristo e santifica pessoas através do agir do Espírito Santo. Ele já revela a sua bondade na criação e manutenção da vida, sendo cada ser humano cercado de sua presença criadora através da mediação de todas as demais coisas criadas. É ele também aquele que, primeiro liberta pessoas e as reúne na igreja através da obra de seu Filho Jesus Cristo, para depois incumbi-las de serem instrumentos de sua atuação ou missão no mundo sob orientação e o agir do Espírito Santo. O Deus triúno é sempre o agente; o ser humano, primeiro recipiente, mas depois, indubitavelmente, instrumento na mão de Deus. Missão é, por isso, agir de Deus em pessoas e através de pessoas que lhe pertencem no mundo.

3) Os incumbidos de realizar a missão: O primeiro e mais importante incumbido de realizar a missão é o próprio Espírito Santo, mediante a propagação da palavra de Deus e o anúncio do perdão de pecados. Para realizar essas obras, ele se vale dos cristãos e os usa como seus instrumentos. Cristãos e a igreja como um todo estão, dessa forma, a serviço do crescimento do Reino de Deus no mundo, a serviço da missão de Deus – são uma *comunhão em missão*, em que o evangelho que receberam gratuitamente é abnegadamente testemunhado adiante, numa dinâmica interminável de receber e dar, de ouvir e falar, de acolher a fé e repartir a fé, onde tanto o “vinde” quanto o “ide” são contemplados em estupenda

simultaneidade. Os cristãos são, a partir da fé em Cristo e do batismo, sacerdócio real de todos os crentes, servindo a Deus e ao próximo na igreja e no mundo em incontáveis frentes de ação. Cabe aos cristãos ou à igreja enquanto comunhão em missão reconhecer o seu lugar no contexto do agir de Deus no mundo e deixar-se usar por ele, através dos meios da graça que ele dispõe para que a missão aconteça (em especial pregação da palavra, comunhão dos santos, remissão dos pecados) – tudo dentro do contexto de uma vida de oração que não cansa de rogar para que o reino de Deus irrompa nesse mundo. A atuação da igreja está a serviço da missão de Deus no mundo, que consiste primariamente, para Lutero, em que pessoas reatem sua comunhão com Deus, alcancem a redenção.

4) Os destinatários da missão: A redenção foi conquistada por Cristo para todo o mundo sendo que a missão possui abrangência universal. Como o Reino de Deus é dado às pessoas no presente através da pregação e do testemunho da palavra de Deus e da fé que a acolhe, a palavra deve ser anunciada em todo o mundo. Lutero entende o “mundo” a partir das Escrituras como a humanidade criada e amada por Deus, caída sob o poder do pecado, da carne, da morte e do diabo, que vive afastada de Deus e que está sob o juízo dele, e, ao mesmo tempo, como a criação que, embora caída, está sendo preservada por Deus, para que possa ter contato com a redenção que Deus realizou em Cristo e através do agir do Espírito Santo. Os destinatários da missão são todas as pessoas, cada indivíduo, em sentido geográfico mais amplo possível – todo o mundo. Pelo fato de Lutero distinguir a totalidade da humanidade entre os que já fazem parte do Reino, e dele participam, e os que ainda não fazem parte, e não creem em Cristo, a missão destina-se, em especial, a todas as pessoas que dele ainda não fazem parte, aos não-cristãos.

5) A incumbência da missão: O Espírito Santo foi enviado para, através da pregação da palavra de Deus e da fé, juntar e converter pessoas não cristãs dentre todos os povos da terra, bem como para, através do crescimento dos cristãos na santificação, reunir todos no Reino de Deus. Ele atua para libertar pessoas dos poderes do mal, do caos e das trevas, bem como de uma vida afastada de seu criador, conduzi-las à fé em Cristo e a uma vida de crescente serviço a Deus, que principia nesse mundo, e será consumada na eternidade. Que pessoas alcancem a vida eterna com Deus é o alvo último da missão.

6) A mediação espaciotemporal da salvação: O Espírito Santo concede participação no Reino de Deus fazendo com que o Evangelho acerca da conquista do Reino de Deus por Jesus Cristo seja proclamado pela igreja cristã enquanto comunhão em missão, e operando a fé nos que ouvem a mensagem. Os cristãos foram incumbidos de pedir a Deus que ele os capacite poderosamente para a pregação através da reta doutrina e da vida santa, que correspondem à sua palavra,

de maneira que o Espírito Santo possa operar a aceitação desta palavra entre cristãos e não-cristãos.

7) A promessa que é fonte e sustento da missão: O acréscimo de pessoas de fora do Reino de Deus, sua permanência na fé e sua crescente santificação têm por alvo sua participação na plenitude do Reino de Deus e todas suas dádivas. A última promessa, em direção à qual a igreja cristã caminha, consiste em que no dia do juízo final Deus realmente consumará seu Reino e viverá em eterna comunhão com todos os que dele fazem parte. Até lá, a igreja cristã é sustentada e movida pela promessa de que onde ela pedir a Deus pela vinda do seu Reino em oração, Deus ouvirá essa oração e fará seu Reino irromper de forma sempre nova entre as pessoas, para que muitos alcancem a vida eterna. Por ser missão feita em fé e esperança, na confiança de que Deus cumprirá suas promessas, a igreja cristã não só ora, mas também se engaja ativamente na *missio Dei*⁷⁵.

8) O conceito luterano de missão e as concepções missiológicas contemporâneas: Lutero não conheceu e nem utilizava nenhum dos nossos conceitos modernos e contemporâneos de missão. Sua vida e obra atestam que, ainda assim, a estrutura de sua teologia é singularmente missionária. Como biblista, sua teologia conecta de forma intensa e imediata com a teologia bíblica da missão, e outra coisa não quer ser, do que explanação das narrativas bíblicas. Lutero esboça sua teologia de forma magistral nos Catecismos, em especial no Catecismo Maior, dentro do que a pesquisa denomina de *sistemática do Catecismo*, em que ele conecta teologicamente de múltiplas maneiras as 3 grandes partes dos Catecismos (Mandamentos, Credo Apostólico e Pai Nosso), e através da qual ele também articula todo um conjunto de distinções vitais, cuja observância é central para preservar a identidade de sua “teologia da missão”, e das quais ela não pode ser arrancada, sob risco de deformação, deturpação e reducionismo. Ao seguir a metanarrativa bíblica, ele articula a sua compreensão do caminho de Deus junto às suas criaturas dentro de uma estrutura trinitária, que permite afirmar que o conceito contemporâneo *missio Dei* é o que melhor resume sua posição. Por conta do arcabouço bíblico e sistemático-teológico dentro do qual sua teologia da *missio Dei* está inserida, seu conceito de *missio Dei* é *sui generis*, possuindo inegáveis proximidades, mas também distanciamentos de compreensões atuais da *missio Dei*. Da mesma forma e pela mesma razão, há inegáveis proximidades e diversos distanciamentos entre a *missio Dei* em compreensão luterana e a teologia da missão integral, a teologia missional e a missiologia da distinção entre missão interna e missão externa, entre outros. Por conta de seu forte afunilamento e insistência na pregação da palavra de Deus como veículo da missão nas mãos do Espírito Santo

75 Cf. BUCHHOLZ, [s.a.].

enquanto agente da missão, a teologia da missão na tradição do Reformador não reduz missão nem à convivência e nem ao diálogo isentos de missão e evangelização, mas sem perder o foco na missão e no testemunho intencionais da verdade revelada em Jesus Cristo e da fé operada pelo Espírito Santo, ela agrega as dimensões da convivência e do diálogo, balizando-as com a ênfase na missão. Da mesma forma, ela não reduz missão à diaconia isenta de palavra e testemunho público que apontam para Cristo, mas entende e pratica missão como união indissolúvel de palavras e ações, de evangelização e diaconia no horizonte do Reino escatológico de Deus em irrupção no mundo, preocupando-se prioritariamente com a salvação, sem desleixar o bem-estar humano e social. Dessa forma, percebe-se que as concepções contemporâneas efetuarão recepções da concepção reformatória, mas também chega-se à conclusão que, dadas as inequívocas proximidades entre a teologia luterana da missão e as demais concepções, estabeleça-se um diálogo frutífero em que a missiologia luterana também agregue crítica- e construtivamente os impulsos das missiologias contemporâneas a partir do seu próprio legado e arcabouço teológico – a partir da sistemática do Catecismo de Lutero –, enriquecendo tanto sua teologia como sua práxis no horizonte de uma igreja universal que se entende essencialmente como *comunhão em missão*.

7 REFERÊNCIAS

BAYER, Oswald. **A teologia de Martin Lutero**. Uma atualização. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

_____. **Promissio**. Geschichte der reformatorischen Wende in Luthers Theologie. 2. durchgesehene, um ein Vorwort erweiterte Aufl. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1971.

_____. **Theologie**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1994, p. 106-114 (Handbuch Systematischer Theologie – HST, 1)

BUCHHOLZ, Meiken. **Die Missionstheologische Bedeutung der zweiten Vaterunser-Bitte**: dargestellt im Vergleich ihrer Behandlung auf der Weltmissionskonferenz in Melbourne 1980 mit ihrer Auslegung durch Martin Luther und Karl Barth. Tübingen. [s.l.: s.a.], p. 29s. (material não publicado)

LUTERO, Martinho. Catecismo Maior (1529). In: **Livro de Concórdia**. As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. Tradução e notas de Arnaldo Schüler. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993, p. 385-494 [= **Catecismo Maior**].

_____. Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero (1529). In: **Livro de Concórdia: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana**. Trad. e notas de Arnaldo Schüler. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993, p. 385-496.

_____. Catecismo Menor do Dr. Martinho Lutero para os pastores e pregadores indoutos (1529). In: **Livro de Concórdia: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana**. Tradução e notas de Arnaldo Schüler. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993, p. 361-384 [= **Catecismo Menor**].

_____. Da Autoridade Secular, até que ponto se lhe deve obediência. In: LUTERO, Martinho. **Ética: Fundamentação da Ética Política – Governo – Guerra dos Camponeses – Guerra contra os Turcos – Paz Social**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1996, 79-114. (Obras Seleccionadas, 6)

_____. **D. Martin Luthers Werke: Schriften**. Weimarer Ausgabe – WA. Weimar: Hermann Böhlau, 2003-2007. (70 Bände) [Abreviação **WA**]

PETERS, Albrecht. Das Vaterunser. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992. (SEEBASS, Gottfried (Hrsg). **Kommentar zu Luthers Katechismen**, 3)

RAUPP, Werner (Ed.). **Mission in Quellentexten**. Von der Reformation bis zur Weltmissionskonferenz 1910. Erlangen: Verlag der Ev.-Luth. Mission; Bad Liebenzell: Verlag der Liebenzeller Mission, 1990.

SCHWAMBACH, Claus. “*Missio Dei*” – Pressupostos teológicos da compreensão luterana de missão a partir da análise da “sistemática do Catecismo” de Martin Lutero. In: **Vox Scripturae** – Revista Teológica Internacional. São Bento do Sul, vol. XXVII, n. 2, mai.-ago. 2019, p. 377-440.

_____. “Quo vadis ecclesia?” – A eclesiologia de Lutero e sua contribuição para o desafio da edificação de comunidades na Igreja Luterana no Brasil. In: SCHWAMBACH, Claus; SPEHR, Christopher (Eds.). **Reforma e Igreja**. Estudos sobre a eclesiologia da Reforma na história e na atualidade. São Bento do Sul, 2015, p. 76-164.

_____. A distinção dos “dois reinos” em Lutero – O pano de fundo medieval, as ênfases e as transformações teológicas ocorridas no uso do conceito pelo Reformador. In: SCHWAMBACH, Claus; SPEHR, Christopher. **Dimensões da relação entre fé cristã e política na história e na teologia da Reforma luterana**. São Bento do Sul: Faculdade Luterana de Teologia, 2018a. (Reforma e Política, 1)

_____. A palavra de Deus como sinal ecumênico da igreja (*nota ecclesiae*) na ótica de Martin Lutero. In: **Caminhos do Diálogo**. Curitiba, v. 9, 2018, p. 110-133.

_____. Evangelização no horizonte da vontade cativa. Desafios da antropologia da Reforma protestante. In: **Vox Scripturae** – Revista Teológica Brasileira. São Bento do Sul, v. XVI, n. 2, out./2008, p. 38-122.

WETTER, Paul. **Der Missionsgedanke bei Martin Luther**. Bonn: Verlag für Kultur und Wissenschaft, 1999.